



REVISTA DE FILOSOFÍA

I. ÉTICA, GLOBALIDAD CRÍTICA Y BIENESTAR HUMANO

II. DIMENSIÓN EPISTÉMICA Y DESARROLLOS CULTURALES

*III. LA EDUCACIÓN EN CONTEXTO INTERCULTURAL Y
DECOLONIAL*

*IV. REPENSAR LA EDUCACIÓN SUPERIOR: TEORÍAS Y
PRÁCTICAS*

Universidad del Zulia
Facultad de Humanidades y Educación
Centro de Estudios Filosóficos
"Adolfo García Díaz"
Maracaibo - Venezuela

Nº 99
2021-3
Septiembre-Diciembre

Revista de Filosofía
Vol. 38, N°99, (Sep-Dic) 2021-3, pp. 380 - 398
Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela
ISSN: 0798-1171 / e-ISSN: 2477-9598

Drucker e o empreendedorismo, uma crítica

Drucker and Entrepreneurship, a Critique

Daniel Alvares Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6316-4219>
Universidade Federal de Pernambuco – Recife - Brasil
daniel.rodrigues@ufpe.br

Maria Fabiana da Silva Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9418-0820>
Universidade Federal de Pernambuco – Recife – Brasil
mariafabiana.costa@ufpe.br

Este trabajo está depositado en Zenodo:

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5651341>

resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre empreendedorismo, e em especial uma análise sobre o clássico “Inovação e espírito empreendedor” de Peter Drucker, ao qual apresenta o empreendedorismo como a mais importante inovação ou nova tecnologia da atualidade. Diferente do senso comum, empreender não é uma pré-disposição para correr riscos e sim um cálculo de oportunidades. Drucker caracteriza o empreendedor como um ativista em busca do aumento de produtividade, independente da localização deste nas relações sociais produtivas, comprometido com o desenvolvimento do capitalismo. Oblitera, portanto, a percepção das diferenças de classes fortalecendo o fetiche do empreendedorismo.

Palavras-chaves: Peter Drucker; Crítica ao Empreendedorismo; Inovação; Oportunidade; Empreendedor.

Recibido 25-07-2021 – Aceptado 10-10-2021

abstract

This paper is part of a research on entrepreneurship, and in particular an analysis of the classic “Innovation and entrepreneurial spirit” by Peter Drucker, which presents entrepreneurship as the most important innovation or new technology today. Unlike common sense, entrepreneurship is not a pre-disposition to take risks, but a calculation of opportunities. Drucker characterizes the entrepreneur as an activist in search of increased productivity, regardless of its location in productive social relations, committed to the development of capitalism. Therefore, it obliterates the perception of class differences, strengthening the entrepreneurship fetish.

*Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons Atribución-CompartirIgual 4.0 Internacional
(CC BY-SA 4.0)*

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.es>

Keywords: Peter Drucker; Criticism of Entrepreneurship; innovation; opportunity; entrepreneur.

1. A título de esclarecimento

Dentro da tradução do livro supracitado, com esse mesmo subtítulo, apresenta-se uma questão da tradução da palavra em inglês *entrepreneurship*, aproximando-se o máximo da compreensão do leitor. A título de esclarecimento: a palavra utilizada vem tomando outros significados, não modificando completamente seu sentido, mas como forma de atualização do capital se expressar e como desafio de compreender uma objetividade categorial, o empreendedor, entendido como o sujeito incorporador do empreendedorismo como forma organizativa e mobilizadora de seu mais desenvolvido mecanismo de afirmação, ou seja, de acumulação do capital na atualidade. A questão posta não é só uma questão de tradução, mas de afirmação das categorias em tela que no século vigente começa a ter contornos específicos e claros como tentaremos demonstrar no presente texto.

Assim, *entrepreneur* poderia ser *empresário*, mas como este segundo Drucker, e muitos outros, não é necessariamente um empreendedor (e o empreendedor nem sempre é um empresário) empreendedor foi adotado por todo texto.¹

Em 1985 quando é lançado o livro, ainda não está consolidada a denominação de empreendedorismo e suas consequências, mas na lógica do capital avançado já está dando seus primeiros passos nessa formulação. Começa, esse clássico mundial chamado Drucker, afirmando o *entrepreneurship* como uma prática e uma disciplina inovadora fundamental para o capital.

[O livro] de fato, considera o surgimento de uma verdadeira economia empreendedora nos Estados Unidos, durante os últimos dez a quinze anos, como sendo o acontecimento mais significativo e promissor ocorrido na história econômico-social recente. Porém, enquanto muitas das discussões hoje tratam do empreendimento como algo um tanto misterioso, seja dádiva, talento, inspiração ou um lampejo, este livro mostra a inovação e o empreendimento com tarefas de propósito deliberado que podem ser organizadas - e precisando ser organizadas -, e como trabalho sistematizado. De fato, ele trata da inovação e do empreendimento como parte integrante do trabalho do executivo.²

Aqui temos três pontos centrais que precisam ser enfrentados: Primeiro, a localização do empreendedorismo deve ser feita a luz do modelo chamado de neoliberal, situação

¹(MALFERRARI. Carolos J. In: DRUCKER, Peter Ferdinand. Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios. Biblioteca Pioneira de Administração e negócios. Tradução de Carolos J. Malferrari - São Paulo: Pioneira, 1986, p. XIII)

²(DRUCKER, Peter Ferdinand. Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios. Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios. Tradução de Carolos J. Malferrari - São Paulo: Pioneira, 1986, p. XV)

objetiva, fundamental para sua maturação teórica. Entendemos que o empreendedorismo é uma resposta atualizada a ser desenvolvida no estágio atual capitalista, tendo elementos centrais como a flexibilização da organização, da tecnologia, dos direitos sociais entre outros.

Segundo, para o autor nem o livro nem a sua temática podem ser tratados como de autoajuda ou de *achismo*, e sim, como uma ferramenta concreta do desenvolvimento do capital. Sabemos da seriedade do autor e sua refutação a soluções mágicas de uso corrente no empreendedorismo. Para nós os livros de autoajuda compõem o campo ideológico do empreendedorismo de largue alcance pragmático, apesar da contrariedade de Drucker.

Por fim, todos os resultados que obtivemos das investigações no campo da formação da força de trabalho, como as competências, a empregabilidade e agora, o empreendedorismo, foram construídas a partir e para os executivos das grandes empresas ou o lugar mais dinâmico do capital. A partir da alta hierarquia ou do sujeito mais relevante nas relações espraiando essa perspectiva para o conjunto da sociedade.

A praticidade defendida pelo autor não é considera uma receita fechada. "Pelo contrário, ele [o livro,] trata do quê, quando e porquê de coisas tangíveis, como políticas e decisões; oportunidades e riscos; estruturas e estratégias; de gente; remuneração e recompensas.³" Essa é diferença de um manual, o autor apresenta o capital como um problema prático, mas em seu comportamento de elaborador teórico procura sair dos lugares comuns e das receitas fáceis pois está em busca do aperfeiçoamento desse modelo em curso na sociedade. Peter Drucker busca uma solidez teórica voltada diretamente para a prática, explicita a relação entre inovação, empreendimento e economia. Como vemos, o principal termo teórico é empreendimento e não empreendedorismo.

2. Economia de inovação empreendedora

É peculiar a forma como o autor entende a crise do capital, enquanto na Europa o desemprego crescia entre 1970 e 1984, nos EUA crescia o emprego. Claro que esse paraíso de emprego tem uma pequenina ressalva "*Na verdade, a economia americana precisava absorver o dobro desse número.*"⁴ Reconhece a desindustrialização da América (EUA) mas reivindica um lugar de crescimento: as grandes empresas dos mais variados ramos perderam essa característica a partir de 1984 em diante, esse espaço foi ocupado pelas pequenas e médias empresas como criadoras de empregos. Não é bom esquecer esse momento histórico, antessala do boom neoliberal, do aumento da precarização do trabalho, dos movimentos que se iniciam prol da empregabilidade etc. A própria noção de empreendedorismo vai ser colocada num outro patamar a partir dessa nova dinâmica

³ (Ibid., pp. XV e XVI)

⁴ (Ibid., p.6)

econômica. O autor reafirma categoricamente que não é simplesmente por causa da alta tecnologia, sem citar Marx que escreveu no século XIX⁵, e escreve:

"Dos mais de 40 milhões de empregos criados desde 1965 na economia, a alta tecnologia não contribui com mais de 5 ou 6 milhões de empregos. Saindo da mecânica para a alta tecnologia, da energia para a informação. A alta tecnologia não criou mais do que as "chaminés 'perderam'".⁶

A alta tecnologia *"fornece os estímulos e as manchetes. Ela cria a visão para o espírito empreendedor e a inovação na comunidade, e a receptividade para ambos."*⁷ Essa pertinência é revelada em todo seu texto, a inovação tecnológica nem é sinônimo nem base exclusiva para o empreendedorismo, é um componente que favorece e estimula o debate. O autor considera que a tecnologia não é o centro da questão e, por sinal, às vezes é mais complicado esse tipo de empreendimento obter sucesso.

O autor levanta estratégias diferentes, associadas ou não, dependendo do tipo de empreendedorismo, com seus limites e riscos (calculados, é claro). Essa é a percepção recorrente no novo e velho capitalismo: primeiro, visar a liderança permanentemente "com tudo e pra valer", esta é a fórmula mais arriscada, mas com recompensa maior, junto com a inovação necessita de imediato realizá-la em larga escala, com grandes investimentos. Nada de novo no capital: concentração, utilização da ciência, centralização de capital, revolucionando o processo produtivo. Não existe um meio acerto, ou é sucesso ou fracasso. Além desta estratégia, tem a 'imitação criativa', o aperfeiçoamento de um produto, "a imitação criativa começa com mercados e não com produtos, e com clientes e não com produtores. Ela tanto se concentra no mercado como é guiada pelo mercado."⁸ Segundo Drucker, no Japão a inovação social é muito mais importante do que a tecnológica podendo ser copiada ou aplicada noutros países. "'Inovação', portanto, é um termo mais econômico ou social, mais que técnico."⁹ Não é um lampejo de uma ideia brilhante, mas uma prática sistemática estratégica da organização e do aumento da extração do sobretrabalho. A estratégia não cria nova demanda, satisfaz uma existente, ou seja, a inovação não necessita ser 'inovadora', deve ser uma inovação não inovadora, pois na verdade a essência da ação empreendedora de inovação é um mergulho na lógica do mercado, na lógica da acumulação de capital.

Para se entender essas novas políticas de formação e organização do capital não podemos deixar de entender a sua crise. Nesse texto, nos interessa entendê-la no aspecto formativo do empreendedor. O autor em tela diz, no caso dos EUA, que os empregos surgidos não vêm de uma única fonte, são do Quarto Setor, parcerias público-privadas,

⁵ No livro *Um do O Capital*, Marx vai apontar o papel da revolução tecnológica e a questão das transformações do capital variável em capital constante e que os novos empregos criados a partir dos novos arranjos da produção não superarão os postos de trabalho que foram extintos.

⁶(DRUCKER, Peter Ferdinand. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios*. Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios. Tradução de Carlos J. Malferrari - São Paulo: Pioneira, p. 4)

⁷ (Ibid., p. 5)

⁸ (Ibid., p. 306)

⁹ (Ibid., p. 43)

vários serviços contratados, terceirizações etc. Cita que a nova tecnologia não está somente na eletrônica ou na genética e sim na "administração empreendedora".

Evidente que essa resposta não pode perdurar na continuidade da crise e se tornou, na verdade, uma forma de escapar da centralidade da crise do capital, como se fosse possível abstrair as leis de funcionamento do próprio capital. As saídas empreendedoras que "davam certo" nada mais eram que a ação de extração de sobretrabalho numa escala superior. O autor diz que não foi o Vale do Silício capaz da grande inovação, ali a maioria quebrava e não prosperava nos negócios. Quem prosperou foi quem investiu na inovação organizativa, no empreendedorismo. Apesar da nossa crítica à sua perspectiva teórica, neste ponto específico, temos uma concordância. As revoluções tecnológicas favorecem ao capital sua concentração e reprodução, mas estão longe de ser uma modificação nas relações sociais produtivas, apesar de influenciá-la em seu funcionamento, mantém essencialmente as bases capitalistas de produção.

Drucker critica os economistas que não percebem o evento do empreendedor dentro da própria economia como uma vivência similar ao final do século XIX, a volta dos empreendedores de forma universal. São valores, atitudes e talvez mudanças na educação, afirma Drucker,¹⁰ jovens dispostos a trabalhar sem a segurança das grandes organizações. Empreendedorismo é um evento "*tanto cultural e psicológico, quanto econômico ou tecnológico.*"¹¹ Está na administração, sai da esfera das grandes empresas e desce para todas as pequenas. Assim, está posto, novamente, no curso do controle do capital, sua alta especialização, uma alta produção de conhecimento não só para administrar o que já estava colocado, mas com a finalidade de abarcar toda a sociedade, grandes e pequenos, sob a mesma lógica, aplacando as necessidades da humanidade sob o crivo do controle, da administração, ou, agora, sob a égide do empreendedorismo, da hegemonia do capital.

Segundo Drucker, depois da segunda guerra mundial houve uma transformação da sociedade na organização corporativa, os chefes passaram a ser administradores profissionais, agora são contratados e não proprietários. Foi só após essa guerra que a administração enquanto conhecimento instituído passou a ter um peso no processo produtivo, mesmo assim, ligado a grandes empresas. Nem hospitais, nem outros ramos eram vistos como passíveis de utilizarem o conhecimento administrativo, ao mesmo tempo, crescia a lógica de descentralização, do planejamento, e da administração com um papel no empreendimento novo.

A administração é a nova tecnologia (e não apenas uma nova ciência ou invenção qualquer) que está fazendo da economia americana uma economia empreendedora.¹²

¹⁰ (Ibid., p. 19)

¹¹ (Ibid., p. 20)

¹² (Ibid., p. 24)

Esta é a grande tese de Drucker, a inovação, o empreendedorismo são as molas mestras desse movimento e não a alta tecnologia em si, é o novo formato organizativo, a partir da inovação, não necessariamente tecnológica.

O autor diz que tem muitas coisas semelhantes desde que J. B. Say cunhou o termo empreendedor, até hoje confundido com empreendimento, e que muitos cursos sobre "entrepreneurship" são descendentes dos antigos cursos "para começar o seu próprio negócio". Abrir um negócio, no caso, não o torna um empreendimento, já o MacDonal'd's, apesar de fazer algo muito antigo e conhecido "não somente elevou drasticamente o rendimento dos recursos, como também criou um novo mercado e um novo consumidor. Isto é empreendimento."¹³ A definição de empreendedorismo está relacionada diretamente com a lógica de efetivar um novo negócio, num formato novo, para extrair mais e mais lucros, com novas formas de encontrar e transformar coisas em negócios, em mercadoria, e construir uma nova relação de consumo. Tudo é novo e nada é novo!

A lógica do capital sempre teve essa marca da inovação, com grande e fundamental característica de inovar para permanecer a base da relação produtiva, manter e aumentar a acumulação de capital, ou ainda, aumentar o alcance do capital nas práticas sociais, respondendo às necessidades ou carências de forma cada vez mais mercantilizada, mais modernamente, transformada em processos de extração da mais-valia, sempre de forma revista e atualizada. Comportamentos no processo formativo dentro das universidades corroboram nessa perspectiva de mudança ocorrida na sociedade e da necessária resposta.

[...] elas foram estruturadas deliberadamente para um 'mercado' novo e diferente – indivíduos em meio de suas carreiras, em vez de jovens recém saídos da escola secundária; estudantes das cidades grandes viajando diariamente para a universidade a qualquer hora do dia e da noite, em vez de estudantes morando nos campi universitários, com dedicação plena aos estudos, cinco dias por semana, das nove às cinco; e estudantes com formações bem diversas, e deveras bem heterogêneas, em vez dos alunos típicos da tradição universitária americana. Essas escolas foram uma resposta a uma importante mudança de rumo no mercado, a mudança de prestígio do diploma universitário passando de "classe alta" para "classe média", e a importante mudança quanto ao que significa "ter um curso superior". Elas representam o espírito empreendedor.¹⁴

Essa liberdade esconde a falta de financiamento ao estudante universitário, precarizando as condições de estudo, assim como, no processo de construção do assalariado livre, liberdade essa que retira as condições da sua própria sobrevivência. Entender essa novidade é entender também seu caráter revolucionário, tecnológica e organizativamente, porém conservador em seus fundamentos societários. Essa situação caminha conjuntamente com o libelo da liberdade criativa, do sucesso atingido das novas formas do capital se efetivar, incluindo agora setores médios sem as mesmas condições anteriores de formação, ou melhor, com a diminuição do tempo de formação, diminuição, nesse mesmo

¹³ (Ibid., p. 28)

¹⁴ (Ibid., pp. 31 e 32)

sentido, do custo desse trabalho. Drucker não aborda a relações existentes no processo econômico e na formação da força de trabalho, mas aponta as mudanças que estão ocorrendo e, para ele, a preparação é fruto de muito trabalho. Há a necessidade, para o autor, de se estar atento as oportunidades surgidas, pois nem têm, e obviamente, não são para todos os capitalistas, e muito menos para os explorados.

Exemplos, dados pelo autor, mostram a especificidade de sua definição por sucesso: uma fundidora conseguir fazer peças de forma industrial, computadorizada, antes possível só artesanalmente, "*Eles criam algo novo, algo diferente; eles mudam ou transformam valores.*"¹⁵ Para tal, é imperioso ampliar mercados, ou aumentar a intensidade do trabalho, ou ainda utilizar mecanismos de aumento da produtividade, todos esses processos não são necessariamente exclusivos para as grandes corporações, o empreender é explicado pela expansão do capital numa escala cada vez maior e mais interligada. Drucker cita o exemplo da inovação feita por Humboldt na criação da universidade alemã, bem como na inovação na universidade norte-americana, ou nas escolas privadas que cresceram não só atendendo a classe alta, mas a classe média. Continua Drucker criticando o entendimento equivocado do empreendedorismo: "Enquanto os ingleses identificam o espírito empreendedor nas pequenas empresas novas, os alemães o identificam com o poder e propriedade, o que é mais enganoso."¹⁶ As iniciativas de Siemens ou de Morgan, norte-americanos, não almejavam a propriedade em si, mas sim a locação de recursos.

Tampouco o empreendedor é um capitalista, embora naturalmente, ele precise de capital como qualquer atividade econômica (e a maioria das não-econômicas). Ele também não é um investidor (...) também não é um empregador.¹⁷

Para Drucker é uma característica distinta e não um traço de personalidade! Não é algo subjetivo, é objetivo, poderíamos ajudá-lo nessa definição: é a busca por novas formas de aumentar a extração da mais-valia, mais especificamente o aumento de sua taxa. Nada mais novo do que velho ou nada mais velho do que o novo!

3. Oportunidade para quem?

Drucker baseia-se na teoria da destruição criativa de Schumpeter e critica Karl Marx – apesar de classificá-lo como um dos melhores historiadores da tecnologia – pois "ele [Marx] não podia admitir a existência do empreendedor dentro do seu sistema ou sua economia."¹⁸ Aqui todo movimento teórico de Drucker implica em colocar a questão do empreendedorismo fora das leis econômicas fundamentais, desliga-a completamente das relações sociais produtivas e conseqüentemente da exploração do trabalho alheio, cita Schumpeter justamente pela característica revolucionária do empreendedorismo, essa assertiva só em sentido estreito está correta. Levanta questões como os serviços, a educação e a saúde, exemplos aos quais o empreendedorismo possa estar fora do esquema econômico,

¹⁵ (Ibid., p. 29)

¹⁶ (Ibid., p. 32)

¹⁷ (Ibid., p. 33)

¹⁸ (Ibid., p. 35)

ou seja, limita a economia ao lugar da indústria, na verdade é o seu contrário, pois ele aponta para a transformação destes espaços submetidos ao empreendedorismo, e como sabemos essa limitação não apresenta a plenitude das relações produtivas nem explica como o capital se hegemoniza enquanto relação nas mais variadas esferas da vida.

"O empreendedor sempre está buscando a mudança, reage a ela, e a explora como sendo uma **oportunidade**."¹⁹ O autor combate o subjetivismo de suas diversas formas como uma visão comportamental do empreendedor ou de ser um desenvolvimento de um talento inato ou de outros tipos de idealismo sobre o empreendedor ou do próprio empreendedorismo através de estudo e trabalho. Apesar de correta essa assertiva, ela não lhe possibilita enfrentar e desvelar as relações sociais do empreendedorismo surgido na esteira da própria crise de acumulação do capital. Ao final, Drucker defende a ideia da oportunidade, como se fora algo fora do sistema, revolucionária, no entanto, essa nova oportunidade faz parte do sistema.

Dentro desse combate ao subjetivismo, o autor aborda os riscos no empreendedorismo, para ele, deve ser minimizado e bem calculado. Aqueles que sabem o que estão fazendo têm riscos bem menores e a chance de sucesso é maior. Segundo o autor, entender a inovação como a questão central do empreendedor: "É o ato que contempla os recursos com a nova capacidade de criar riqueza. A inovação, de fato, cria um recurso."²⁰ Cita o exemplo de ervas ou de minerais, que não tem utilidade até que sejam encontradas: "Não existe algo chamado 'recurso' até que o homem encontre um uso para alguma coisa na natureza e assim o dote de **valor econômico**."²¹ Eis um dos grandes segredos revelados, a transformação de algo ou uma atividade para entrar no mercado. Isso é inovar fundamentalmente, não são as descobertas científicas em si, e sim a possibilidade de explorar algo dentro das relações produtivas vigentes.

Enfrentar o sucesso, fazer diferente e deixar a forma antiga de lado. "O que precisamos fazer para convertê-lo numa oportunidade?"²² A questão da oportunidade está posta como algo concreto aparecendo inesperadamente, ou aguardado como algo mágico, sendo que o principal sujeito interessado não tem o controle dessa variável. A oportunidade chega num determinado momento como um ponto fora da curva, cheia de mistérios a serem desvendados, ou melhor, como um cavalo encilhado, basta montá-lo, e, portanto, deve estar preparado para tal montaria. Cabe ao empreendedor o seu aproveitamento, estar preparado para algo que pode vir ou não. A preparação do sujeito deve se dar nessa incerteza, para a espera de algo ingovernável, uma possibilidade que pode nunca aparecer. O sentido é aproveitar a oportunidade, somente aproveitá-la.

A percepção de Drucker do sucesso inesperado, convertido em algo oportuno, vive do fracasso existente, isso é obviamente um acerto, pois o sucesso é irmão siamês do fracasso, um necessita do outro, como na brincadeira do morto-vivo. Ele entende o fracasso como

¹⁹ (Ibid., p. 36, grifo nosso)

²⁰ (Ibid., p. 39)

²¹ (Ibid., p. 39, grifo nosso)

²² (Ibid., p. 60)

produto de erros, ganância, estupidez, incapacidade tanto no projeto como na sua execução. Para ele o fracasso se apresenta quando não se está adequado à realidade. O fracasso é da inadequação à realidade. Mas ao mesmo tempo, aponta a análise dos fracassos revelando as mudanças sociais latentes e com elas a própria oportunidade a ser empreendida. No nosso entendimento, ele revela a necessária adequação ao *establishment*. Esconde que atrás do vencedor existe uma legião necessária de fracassados, ou seja, o empreendedorismo é a produção em larga escala de fracassos.

Nesse sentido, deve se escutar mais ao invés de realizar grandes estudos. Cita uma série de experiências vitoriosas mesmo contra a obviedade posta. A inovação precisa ser simples e agir sobre uma incongruência, numa outra leitura categorial poderíamos aproximá-la da contradição. A inovação é trabalho organizado, sistemático e racional. Aborda a questão da saúde como envelhecimento e vê como se pode aproveitar essa situação de oportunidade, mesmo em formatos diferentes, conforme os países analisados, como EUA e Reino Unido, “cada um explora a específica vulnerabilidade do sistema de seu país e a converte em oportunidade.”²³ Todas as desgraças podem gerar oportunidades.

Outras questões estão escondidas atrás da oportunidade visível. Segundo o autor, por causa de uma interpretação errônea da realidade existe a perda de rumos. Cita o exemplo da tentativa de economizar no tempo de trabalho dentro dos navios cargueiros, mas as respostas estavam fora desse tempo, estavam nos portos, na criação do container modificador do tempo gasto nessas operações portuárias.

Cada um desses inovadores sabia que havia uma importante oportunidade inovadora no setor. Cada um estava bastante seguro de que a inovação teria êxito e com um mínimo de risco. Como eles poderiam estar tão certos?²⁴

A certeza de que daria certo expõe um trabalho profundo e um mercado promissor, segue o autor com quatro indicações: 1 – o rápido crescimento do setor que aponta para uma mudança drástica em sua estrutura; 2 – em decorrência, a forma que se entende e atende o mercado já se tornou inadequada (o surgimento de novas profissões, por exemplo); 3 – convergências de tecnologias (como telefonia com computador); 4 – forma em que se negocia modifica-se rapidamente, no caso, ele dá um exemplo de que os médicos não tem mais seus próprios consultórios mas trabalham associados.

Revela parte da saída da crise do capital enfrentando a diminuição da taxa de mais-valia. Para sair dela, o capital desenvolve e revoluciona seu processo produtivo a partir da incorporação de elementos científicos e de novas tecnologias. Reorganiza os processos produtivos, cria novos mercados, novas mercadorias, conforme vimos na pontuação de Drucker, na criação de um mercado novo, ou de um comprador novo ou de sua renovação. Esse tipo de resposta se revela como reestruturação produtiva, com perdas do lado do explorado, daqueles que produzem. Assim, ligamos os quatro pontos com a estratégia do capital em superação de suas crises cíclicas de acumulação. São aparências da essência do

²³(Ibid., p. 83)

²⁴ (Ibid., p.112)

capital com risco pequeno e calculado. A melhor resposta para a crise é a maior concentração e centralização de capital conhecida como sucesso empresarial. O seu oposto, o fracasso, sob a perspectiva do capital, é quando a ação inovadora, o empreendimento, não galga aumentar a extração de trabalho em larga escala. Quantas empresas são engolidas nesse empreendimento de sucesso? Para se ter uma empresa de sucesso, quantas tiveram que fracassar? Afinal, o empreendedorismo vai produzir mais empresas de sucesso ou fracassos?

4. O pseudo desaparecimento das classes sociais e seus antagonismos

Quanto as modificações do mercado, incluindo os mercadores, compradores e vendedores, o autor cita alguns exemplos emblemáticos como a mudança da percepção do Citibank, fundamental para sua virada como um importante banco mundial. O banco começa a recrutar mulheres para o trabalho de gerências como responsáveis pela carteira de crédito para ofertar empréstimos a outras mulheres. Historicamente, a questão dos donos de negócios é composta dentro da herança do patriarcado, o domínio é masculino, ocidental (portanto de homens brancos). Essa inserção, mesmo que controlada, inserindo outras categorias alijadas formalmente no mercado possibilitou que esse empreendimento fosse um sucesso. Como diz nos quatro pontos, cresceu um setor, necessita de uma modificação em sua estrutura, são criados novos mercados e mercadores, enfim, está dado o sucesso da inovação empreendedora, ampliou-se a extração de trabalho somando novos consumidores.

Um outro exemplo, também dentro desse contexto das modificações fundamentais para a reprodução do capital é a modificação da autopercepção de classe. "Por volta de 50, a população americana começara a se considerar esmagadoramente como sendo da 'classe média', independente, quase, da renda ou ocupação."²⁵ Um empreendedor foi a campo para saber sobre o porquê dessa mudança, resultado: "'classe média' em contraste com 'classe trabalhadora' significa confiar na vantagem que teriam suas crianças para subir socialmente através de seu desempenho na escola."²⁶ No exemplo dado, um empreendedor vai utilizar esse sentimento de ascensão social e vender um instrumento para a "comprovação" dessa mobilidade social: a Enciclopédia Britânica. No nosso entendimento, essa modificação na percepção não possui só um componente, muito menos o vendedor foi premiado só na utilização de uma enciclopédia, poderíamos afirmar a importância da percepção subjetiva, considerando a transformação da identidade enquanto classe trabalhadora assumindo características, práticas e discursos das classes médias se espelhando na burguesia. Nesse último ponto, vai denotar as modificações na luta de classe, na desafirmação da classe proletária, inclusive refutando as lutas concretas da classe, parte de sua construção enquanto tal. Fenômeno este vivido no Brasil posteriormente aos EUA. O componente de destaque é o empreendedorismo e as inúmeras formas de desvincular os trabalhadores e trabalhadoras de sua própria classe, de suas organizações, de seu construto ideológico, de seus projetos sociais e políticos, enfim de suas lutas.

²⁵ (Ibid., p. 143)

²⁶ (Ibid., p. 143)

No caso, o próprio mercado vai construindo o enfraquecimento das lutas. A inovação e o empreendedorismo nada mais são do que a efetivação de uma lógica hegemônica de mercado.

A inovação é um efeito na economia e sociedade, mudança no comportamento de clientes, de professores, de fazendeiros, de oftalmologistas – das pessoas em geral. Ou ela é uma mudança em um processo, isto é, na maneira como as pessoas trabalham e produzem algo. Portanto, a inovação sempre precisa estar junto ao mercado, concentrada no mercado, e deveras, guiada pelo mercado.²⁷

Esse guia, na verdade, são as relações sociais de produção em sua efetivação, em sua ação de produção e realização do seu produto, com as determinações das relações capitalistas, com as desigualdades contratuais exercidas no mundo, com suas diferenças sociais enfeitadas ou fetichizadas.

No caminhar, do autor, da desmistificação do risco assumido pelo capitalista, aborda como se o risco trouxesse um fim trágico para os capitalistas, não enfrenta a realidade de um mercado impessoal e com interesses antagônicos reais entre classes, o movimento dele é minimizar essa contradição. Para tal, o autor reafirma uma questão da realidade, a luta intra-classe burguesa, mas num plano acima da fundante luta de classes antagônicas em que o trabalho é apropriado fundamentalmente pelas classes dominantes, não sem mediações de classes intermediárias e de outras circunstâncias históricas como a ação imperialista no processo de extração e distribuição da mais-valia. Na perspectiva teórica empreendedora desenvolve um processo de individuação das experiências de exploração inviabilizando a perspectiva da totalidade e da complexidade do processo de construção das relações produtivas vigentes, como por exemplo, no fetichismo das competências individuais como nova forma de regular as classes subalternas.

5. Empreender: conhecimento secundário aos ganhos sem riscos

Drucker defende a ideia sobre o empreendedorismo: menos risco e mais aproveitamento de oportunidades, e sim, a necessidade de muito trabalho para se ter sucesso. “Onde a sabedoria convencional erra é no seu pressuposto de que o empreendimento e a inovação são atividades naturais, criativas e espontâneas.”²⁸ Para tal, deve-se focar e trabalhar muito duro à administração em oportunidades. Essa é a novidade dita pelo papa da administração mundial do capital. Nada de novo no front apesar de todos os vernizes modernos e reluzentes.

Drucker traz uma diferença: “Os riscos são maiores nas inovações baseadas nos conhecimentos da ciência e tecnologia.”²⁹ O risco aumentado com conhecimento tem suas causas na própria lógica do capital, pois o empreendimento de sucesso está baseado na realização do valor e no aumento constante da produtividade, em que o conhecimento pode ser útil, mas não fundamental. Essa é uma contradição básica no capitalismo, o

²⁷ (Ibid., p.195)

²⁸ (Ibid., p. 209)

²⁹ (Ibid., p. 178)

conhecimento deve ser mediado pelo essencial da sociedade capitalista, e não medida por sua utilidade, mas pela possibilidade de realizá-la nas vendas, ou melhor, da extração da riqueza da forma mais exponencial possível. O centro não é o conhecimento e sim a potencialidade da extração desse conhecimento novo como forma de aumento da produtividade. Assim é a sociedade capitalista, assim é a sociedade empreendedora, o valor está na acumulação de riqueza e não na sua utilidade, as inovações com conhecimento novo são mais arriscadas, riscos que não necessitam ser assumidos. A ideia brilhante ou arriscada não é o pólo definidor para um bom empreendimento. Nada de grandes ideias engenhosas, pois não dá para perder o foco, como sempre recomenda Peter Drucker, o imperioso é acontecer no mercado. Inovação e empreendedorismo para ele é muito trabalho e não a característica de um empreendedor que assume riscos, e profetiza:

As empresas de hoje, especialmente as grandes, simplesmente não sobreviverão neste período de rápida mudança e inovação a não ser que adquiram uma competência empreendedora.³⁰

Aporta uma caracterização da revolução organizativa realizada pelo capital diante de sua crise iniciada na década de 1970 e ‘renovada’ em outros ciclos maiores ou menores, como saídas postas no processo produtivo e da reprodução social. De passagem, dentro das buscas de saída da crise o autor afirma não saber se as privatizações darão certo, mas esta será uma oportunidade. Tanto o setor público quanto o setor privado necessitam entrar nesse novo momento do capital. “A empresa que não inova inevitavelmente envelhece e declina. E, em um período de rápida mudança como o presente, um período empreendedor, a queda será rápida.”³¹ Insiste o autor na inexorabilidade da revolução drástica [porém sistêmica] do capital. Para tal, o processo de tornar seus produtos ou serviços obsoletos é parte da tarefa.

6. Empreender: privatizar o espaço público

A história do medo do novo sempre serve para defender mudanças, ou melhor, serve para tudo, inclusive manter o velho. No entendimento de Peter Drucker, o empreendedorismo é uma ameaça, mas também é uma oportunidade para as instituições do serviço público. Para ele, a instituição pública tem mais dificuldade na inovação pois são mais ‘burocráticas’. No caso, a instituição pública objetiva crescer mesmo na ausência do sentido do lucro, prossegue o autor.

Para converter a empresa existente em empreendedora, a administração deve assumir a liderança em tornar obsoletos seus próprios produtos e serviços em vez de esperar que um concorrente o faça. A empresa deve ser administrada de modo a perceber no que é novo uma oportunidade e não uma ameaça. Ela deve ser administrada para trabalhar hoje nos produtos, serviços, processos e tecnologias que irão fazer um diferente amanhã.³²

³⁰ (Ibid., p. 200)

³¹ (Ibid., p. 208)

³² (Ibid., p. 216)

O produto obsoleto faz parte desde a origem do capitalismo. No clássico “O Capital”, Marx cita outro economista, antes de sua época, Babbage que já apontava a morte precoce das mercadorias serem substituídas por novas mercadorias, nessa situação, o autor amplia o exemplo até para as igrejas, igrejas empreendedoras, aquecendo o mercado dessa forma. Esse conjunto de transformação em empreendedorismo é justamente o movimento hegemônico do capital.

Três elementos caracterizam essa situação de maior dificuldade de inovação na instituição, segundo Drucker, o primeiro é ter um orçamento e só poder se movimentar dentro dele, portanto, o seu sucesso tem como base um maior orçamento. Outro motivo posto por Drucker consta da amplitude da clientela, é ampla e não tem clientes centrais. No entanto, para ele, a razão mais importante é a seguinte: “ela tende a ver sua missão como moral absoluta e não como econômica e sujeita a um cálculo de custo-benefício.”³³

Marx compara o capitalismo com a ação do personagem da mitologia grega, rei Midas, que tem atendido o seu desejo de transformar tudo em ouro em um simples toque. Aponta que o capital vai se imiscuindo em todas as formas da vida social. Drucker aprofunda consciente ou inconscientemente o sentido dessa parábola para o serviço público e realiza algumas indicações: definir a missão, pois os programas e projetos, características da instituição pública são passageiros. Precisa então explicitar as metas com algo que possa atingir e finalizar.

O malogro em alcançar os objetivos deve ser considerado como indicação de que o objetivo está errado, ou pelo menos, definido erradamente. O pressuposto precisa então ser que o objetivo tem que ser econômico em vez de moral. Se um objetivo não foi alcançado depois de tentativas, tem-se que pressupor que ele está errado.³⁴

A lógica proposta pelo autor de adaptação só ao que pode ser alcançado deve ser a máxima maior nas instituições públicas. O objetivo social por si só, não é um objetivo viável, portanto, é inatingível, contrário à lógica empreendedora necessária para o desenvolvimento das instituições públicas. Só pode objetivar o que for possível atingir. Critica assim, a igualdade entranhada na instituição pública, pois para ele, os ricos erradamente são os maiores beneficiários da mesma: “Subsidiar os que mais ganham na sociedade desenvolvida, os detentores de títulos profissionais avançados, dificilmente poderá ser justificado.”³⁵

A percepção ao qual o serviço público é somente para atender os mais pobres está dentro do corolário do chamado Consenso de Washington, produzido poucos anos depois, a pauta neoliberal indicadora de um grande esvaziamento do espaço público como forma de saída da crise, jogando as possibilidades econômicas e ampliando a esfera do mercado, tomando áreas que estavam sob a proteção da redistribuição de recursos através do Estado, como educação, segurança, saúde entre outras diretamente para as mãos da iniciativa privada. É esse o contexto, em que Peter Drucker reafirma essa posição privatista,

³³ (Ibid., p. 248)

³⁴ (Ibid., p. 253)

³⁵ (Ibid., p. 256)

corroborado pelas perspectivas mais radicais de concentração e centralização de capital. Entende Drucker as variadas formas de combater a diminuição da taxa da mais-valia. Vejamos a percepção arguta do autor:

Lincoln, a capital do Estado de Nebraska, há 120 anos atrás, foi a primeira cidade do mundo ocidental em que a municipalidade assumiu a propriedade de serviços públicos, como transportes, eletricidade, gás de rua, água e assim por diante. Nos últimos dez anos, sob uma prefeita, Helen Boosalis, ela começou a privatizar os serviços como coleta de lixo, transporte escolar e vários outros. A cidade provê o dinheiro e as empresas privadas fazem licitações pra os contratos; há economias substanciais nos custos e melhorias ainda maiores nos serviços.³⁶

A abordagem de Drucker nessa citação nada mais é do que a justificativa para os processos crescentes de privatização de empresas e instituições públicas existentes no mundo. Essa é uma outra forma de apropriação do fundo público, ou de redistribuição da mais-valia, ou seja, o capital se apropria diretamente dos espaços e de seus recursos públicos. Ensino, saúde, seguridade social, aposentadoria como dissemos anteriormente e tantos outros processos constituintes do espaço público, quando no momento histórico está sem a perspectiva de algum lucro sobre esse trabalho, e mais, para garantir um fundo público libertando o capital para sua ação específica no mercado, distribui através do Estado seu ônus, libera-o para outras atividades. Já em período de crise de acumulação, o fundo público, garantidor do funcionamento das instituições públicas, passa a ser atacado com processos virulentos privatistas.

O autor aponta esse movimento pendular histórico no entendimento de como o capital caminha na apropriação do conjunto de recursos captados pelo Estado, seja como ocorreu no passado ou da forma invertida no presente. Na atualidade Drucker reforça essa transição para a iniciativa privada: “Sempre que atividades de serviços públicos puderem ser convertidos em empreendimentos geradores de lucros, elas devem ser assim convertidas.”³⁷

A ação de conversão do público para a iniciativa privada é uma ação hegemônica nos últimos tempos de desenvolvimento do capital, justamente, a partir de sua última grande crise datada da década de 1970. A tentativa de defender um desligamento da essência da apropriação da mais-valia, tanto no dizer do capitalismo quanto no *novedoso* empreendedorismo, é revelada em várias partes no texto de Peter Drucker. “Nós não podemos nos permitir manter atividades ‘não-lucrativas’, isto é, atividades que devoram o capital ao invés de formá-lo³⁸.” Essa base de entendimento é enfrentada por Braverman, só que reafirmando o novo formato de extração de mais-valia e de forma crítica. Esse último apontou que cada vez mais o capital não-produtivo se torna capital produtivo, e mais ainda, a parte improdutiva se constitui de forma diferente do século XIX, colocada cada vez mais diretamente a serviço do capital produtivo e não como um empecilho a este último. Já para

³⁶ (Ibid., p. 255)

³⁷ (Ibid., p. 256)

³⁸ (Ibid., p. 257)

Drucker a maioria das atividades desempenhada pelo serviço público permanecerá existindo, mas para tal, a instituição pública necessita imbuir-se desse novo momento de desenvolvimento do capital:

Consequentemente, elas têm que ser transformadas em produtoras e produtivas. Instituições de serviço público precisarão aprender a ser inovadoras, e a se administrarem empreendedorialmente.³⁹

Todo movimento de subsunção do trabalho ao capital, público ou privado, devem ir para o caminho do empreendedorismo.⁴⁰ Assim, segundo o autor, ao não transacionar para esse novo formato as instituições públicas vão perdendo legitimidade, tornar-se-ão parasitárias, portanto, necessitam ter o espírito empreendedor. Exemplos desta perda são as escolas que só terão sentido se servirem aos mais pobres. Essa pequena parte tratada pelo autor sobre o serviço público é emblemática pois refere-se a mais distante forma organizativa, aparentemente, de uma empresa capitalista.

7. Empreendedorismo: sua estratégia revolucionária conservadora

Para Drucker outro pecado capital é simplesmente querer ficar com a nata do mercado. Para ele o mercado é amplo e deve ser ampliado. Deve atender aqueles com menos dinheiro, isto é, uma ação de ‘judô empreendedor’. Ficar no convencional de ‘qualidade’, ou seja, de alta qualidade é um erro. “Qualidade em um produto ou serviço não é o que o fornecedor insere nele. É o que o cliente obtém dele e está disposto a pagar.”⁴¹

Lembrando os clássicos Ricardo na Inglaterra e Say na França, o autor estudado aborda as duas maneiras de se obter uma margem maior de lucro: com o preço de monopólio ou baixando custos. Com um preço mais alto é uma derrota certa, importa baixar os custos para superar a concorrência.

Inúmeras estratégias como a da Gillete, mesmo vendendo seu aparelho mais barato compensava nas lâminas, pois o que o consumidor desejava era o serviço barato de barbear-se em casa. Esse exemplo, entre outros citados por Drucker, nos dá a ideia das inúmeras estratégias do capital para sua realização (a venda para seguir acumulando capital), com a criação de necessidades ou de respostas às necessidades latentes. A busca de um valor de uso seja ele fundamental ou algo supérfluo, construtivo ou destrutivo, como base para o valor (de troca) é uma lei do capital. O produto material entra como parte de um valor. O valor de uso tem sua dimensão mais ampla, como diz Marx no início do ‘O Capital’, para atender as necessidades do estômago ou da fantasia. Esse reclamo em sua amplitude é passado na sociedade como a questão central de sua reprodução e não como efetivamente o

³⁹ (Ibid., p. 257)

⁴⁰Numa licença para uma digressão concreta, temos a proposição do modelo de capitalização da aposentadoria, proposta pelo governo federal brasileiro, em 2019, reforça a ideia dessa busca, visto que essas proposições já foram colocadas em práticas noutros países em anos passados.

⁴¹(DRUCKER, Peter Ferdinand. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios*. Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios. Tradução de Carlos J. Malferrari - São Paulo: Pioneira, p. 312)

é, meio material para a extração de valor a partir do sobretrabalho do proletariado, sem ele não há valor (expresso na troca).

A lógica empreendedora, a lógica da sociedade capitalista em seu formato competitivo mais moderno levou Peter Drucker concluir o seguinte: a sociedade empreendedora é parte de uma revolução pacífica de última geração social. Critica as revoluções políticas por elas reafirmarem o que combatem, no seu entender. A inovação e empreendedorismo não é algo radical e, sim, para Drucker, um passo a ser dado de cada vez, focado na oportunidade e na necessidade, sem derramamento de sangue, sem guerra civil, com tudo sob controle.

Assim, o autor estudado aponta o empreendedorismo como uma revolução dentro do sistema. Recordamos Marx que apontava o sistema capitalista necessariamente revolucionário dentro de sua lógica. Portanto, no horizonte de Drucker, o essencial das relações sociais de produção baseadas na exploração do trabalho da classe produtora não deve ser inquirido e muito menos enfrentado teoricamente.

A sociedade deve ser empreendedora, de forma pragmática, inclusive a alta tecnologia deve ser entendida não como a principal característica empreendedora, mas ao contrário, o empreendedorismo é algo que vai além das altas tecnologias. Nisso, ele aborda sobre aqueles trabalhadores sem formação alguma a qual a sociedade empreendedora deve “cuidá-los”. “Precisamos encorajar hábitos de flexibilidade, de aprendizado contínuo e de aceitação da mudança como normal e como oportunidade, tanto para instituições quanto para indivíduos.”⁴²

Essa sociedade empreendedora utiliza-se do caráter formativo da reprodução como se fosse por si só uma preocupação social, mas esta fundamenta-se em sua reprodução historicamente desigual. Decorre dessa prática a compreensão da educação das variadas classes para o projeto empreendedor. “Em uma sociedade empreendedora, os indivíduos enfrentam um enorme desafio, desafio este que precisam explorar como sendo uma oportunidade: a necessidade por aprendizado e reaprendizado continuados.”⁴³ O aprendizado contínuo joga a própria sociedade num processo de radicalização de suas desigualdades. Garantir a esperança no capitalismo, no empreendedorismo como algo a ser tido como uma oportunidade, revendo os sistemas educacionais, eis o libelo de Drucker. O Estado de Bem-estar Social findou-se, Drucker pergunta: “Seu sucessor será a Sociedade Empreendedora?”⁴⁴ Escreve em 1984, mas sendo chamada de neoliberal, empreendedora, obviamente não nega seus fundamentos capitalistas, ainda mais radicalizados nos dias de hoje.

Considerações Finais

⁴²(Ibid., p. 337)

⁴³(Ibid., p. 361)

⁴⁴(Ibid., p. 364. DRUCKER, Peter Ferdinand. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios*. Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios. Tradução de Carolos J. Malferrari - São Paulo: Pioneira, p. 312)

Enfrentar Drucker no tema do empreendedorismo não é só uma obrigação teórica, e sim uma possibilidade de entender mais profundamente a lógica da administração no sistema capitalista, ou seja, o processo organizativo hegemônico do capital no momento atual. É poder compreender as bases fundamentais do principal clássico da administração no mundo, como ele recebe e desenvolve a perspectiva do empreendedorismo. O autor critica a intuição, o romantismo, toda essa literatura empreendedora apressada com lições de passo a passo. Aponta para além das novas tecnologias a caracterização decisiva de inovação como transformadora da realidade, ampliando para todas as áreas, inclusive as públicas. Essa inovação carrega, segundo Drucker, uma totalidade para aplacar o conjunto das necessidades da humanidade.

Para Drucker o empreendedorismo possibilita a criação de novos mercados, de novos produtos, de novos valores, essa definição nos remete ao texto produzido por Marx e Engels⁴⁵, no Manifesto do Partido Comunista, obviamente com um sinal invertido, quando trata da saída da crise cíclica provocada pelas relações capitalistas de produção. Podemos inferir o empreendedorismo como parte da saída da crise. O autor vai construir um novo véu nas relações capitalistas de produção, tirando o foco das classes reais para a ação empreendedora e suas consequências. Em nenhum momento, assume que o empreendedor é um sujeito à procura de aumentar taxas de mais valia ou de encontrar novas formas de extrair a mais valia, em resumo, um elemento central na relação de reprodução da exploração do trabalho. É como se o empreendedor estivesse acima ou alheio das leis econômicas desenvolvidas no capitalismo.

Dentro do quadro de saída da crise o autor traz as privatizações como oportunidade e inovação, como exemplo, direitos conquistados como a saúde e educação pública transformados em mercados e mercadorias. Essa radicalidade exigida pelo capital, em sua revolução interna, aponta inclusive, para Drucker, à própria empresa decretar a obsolescência dos seus produtos.

Para o autor deve-se enfrentar o medo às mudanças, especialmente no serviço público. No entanto, essa subjetivação genérica de medo não explica quais os reais conteúdos destas mudanças, afinal, seriam benéficas para quem? Tampouco responde sobre o medo de alguns resultados atingidos com as modificações, como por exemplo, o aumento do desemprego. O “ato corajoso” tem resultado na ampliação da exploração, no sofrimento ainda maior por parte daqueles que vão carregar nas costas o novo empreendedor, esses necessitam superar o medo, enquanto o empreendedor personifica a coragem da inovação. Falar de medo é um conjunto vazio se desvinculado dos interesses reais e das consequências práticas.

Observamos que a inovação, como constituinte do empreendedorismo utiliza-se da imitação criativa. Importante reforçar que a criação, a criatividade, a inovação, ou seja, a novidade não é central, pode ser uma simples cópia. A inovação remonta a ideia de algo

⁴⁵(MARX, karl. ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 67p)

diferente, esse diferente, ao mesmo tempo, não necessita ser inovador em sua essência, e sim, algo que possa aprofundar a extração do sobre trabalho. Ao mesmo tempo em que o processo inovador é revolucionário, ele carrega consigo a estrutura conservadora do capital.

Com toda sua clareza permitida, Drucker reforça a ideia de que o grande objetivo é o sucesso, sem riscos. Não existe o meio termo, sua oposição é o fracasso. Duas sínteses trazemos aqui, 1) a aparência do capital se apresenta como uma roda virtuosa de sucessos, de crescimentos, de ganhos, de alegrias, já as perdas são colocadas para debaixo do tapete, não simplesmente para encobri-las, mas, o mais importante, reforçar que o sucesso só existe se conseguir fazer fracassar sua concorrência, derrotá-la, seja jogando a outra empresa à bancarrota ou incorporando-a, e 2) sucesso é só uma faceta minoritária, componente fundamental do mecanismo do capital, em sua concorrência, produzindo o fracasso de muitos. Portanto empreender é uma síntese para produzir muitos fracassados.

Não é à toa que para valorizar os vitoriosos necessita de derrotados, a maioria. Os mais fracos, necessários, são tragados na política do capital. Em uma das suas faces mais perversas, como no neoliberalismo, a concorrência é crescente, suas consequências mais visíveis são os altos índices de desemprego, de quebras de empresas, de aumento da miséria e de um processo desenfreado de concentração de capital e os mais ricos ficando mais ricos. Dentro desse mecanismo implacável não é estranho a volta de uma política fascista, entrelaçada à cultura de morte, a eliminação dos considerados fracassados, daqueles que atrapalham os vitoriosos, os fortes, os belicosos.

Não é surpresa ver o empreendedorismo na lógica fascista, como exemplo, as milícias e seus negócios: distribuição de gás, construção de prédios, telefonia móbil, internet, enfim, num controle vil misturado com monopólio, da destruição da concorrência pela ameaça, crimes e outros mecanismos de extermínio daqueles que se opõe. Até as desgraças sociais podem ser um espaço de novas oportunidades, algo a ser objetivado, planejado. Claro que isso não é estranho ao capital, toda a ação humana respondendo às suas necessidades é transformada em mercadoria, a diferença é o empreendedorismo colocar-se como uma novidade glamourosa diferente do próprio capitalismo.

Como todo defensor do empreendedorismo na atualidade, Drucker vai apontar a importância da percepção e o aproveitamento das oportunidades como uma das grandes chaves de leitura para o sucesso do empreendedor. Situação esta devidamente calculada em seus riscos sempre frisando que o sucesso não é para aventureiros. Cita o exemplo da nova forma organizacional japonesa, 'toyotismo', mais importante do que a própria tecnologia desenvolvida naquele país. Como parte deste modelo veio o 'karoshi', morte por excesso de trabalho, e, inexplicavelmente, esta parte não é abordada por Drucker. No entanto, o próprio Drucker ressalta a possibilidade de ganhar recursos, empreender, com a tragédia humana.

Drucker cita vários exemplos, nem todos necessariamente de grandes somas, mas de inculcação e de modificações de práticas nessa mudança da hegemonia empreendedora, como das mulheres entrando como gerentes, ou de venda de enciclopédias, como forma de transformar a organização capitalista, tentando destruir a identidade, a organização e a luta

proletária. Essa é a tendência do empreendedorismo, esconder as relações reais antagônicas de produção, reforçando o lugar burguês afunilado de sucesso. Assim, a formação no empreendedorismo para o conjunto das classes sociais começa a ser regra como parte dessa grande reprodução do capital revolucionada e senil. Um fetiche que esconde essa realidade mais vil e cruel de um capitalismo em rota de colisão com o planeta, com a maior parte dos seres vivos, inclusive da espécie humana.



UNIVERSIDAD
DEL ZULIA

REVISTA DE FILOSOFÍA

Nº 99-3 _____

*Esta revista fue editada en formato digital y publicada en octubre de 2021, por el **Fondo Editorial Serbiluz**, Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela*

www.luz.edu.ve
www.serbi.luz.edu.ve
www.produccioncientificaluz.org